

QUITANDINHA

RUBEM BRAGA

E' uma imensa catacumba de fantasmas esse enorme hotel quase vazio, de quilômetros de corredores e salões onde bocejamos com melancolia.

Se queremos ir ao barbeiro, igualmente bocejamos; é tão longe! Da janela dos fundos olhamos os telhados a pique, onde jamais escorregará nenhuma neve normanda; e há uma soturna tristeza nesses telhados, nesses pátios vazios, nesses terraços de cimento. Da janela da frente olhamos o lago artificial onde os barcos bocejam vazios perante uns muros devastados; o ruço desce, afunda no vale sua massa parda, alastra-se como um grande monstro informe, lento e úmido.

Vamos à piscina de água quente, onde não há ninguém; nas paredes o vapor vai formando manchas entre os polvos e anêmonas da decoração; e as prateleiras do bar estão vazias. Seria impossível tomar um banho sozinho, talvez uma pantera humana viesse ao longo dos corredores lustrosos e silentes, com passos de seda, espreitar a nossa sombra, e urrar de súbito. O hotel funciona com uma insistência quase heroica, que o torna ao mesmo tempo lamentável e mau. Às 2 da madrugada negam-nos o menor sanduíche, às 8 da manhã falta força para o elevador. Sábado a "boite" se enche completamente para um "show" cacete, e parece haver uma ressurreição: bebidas, música, gente, vozes humanas falando, rindo.

Mas é um lôgro: às 2 e meia, de súbito fica tudo vazio e o enorme hotel cá em um silêncio tão perfeito com seus vagos funcionários cochilando e os salões ermos que parece que tudo foi embuste ou sonho.

E' aflitivo pensar que além, muito além daqueles salões, além das galolas onde tristes passarinhos mal pipilam e um jacto de água equilibra com preguiça uma bola de celulósido (como no tempo da mais remota infância, no velho chafariz entre os pés de pinha), além da triste torneira de água rádio-ativa jorrando passivamente, há uma imensa exposição internacional com dezenas de mostruários que se encomprindam, envolvem salões sob cúpulas infinitas, alastram-se pelo porão interminável e lúgubre — uma exposição que é um museu de negócios que não houve ou houve.

Ah, poderíamos saber coisas de nosso imenso território, e de muitos países do mundo, mas tudo seria tedioso e vão, o mundo parou, nada funciona, ninguém vem olhar esse mundo que tanto trabalhou e ora agoniza entre bocéjos.

Negócios! Também a conta nos dá tristeza, é confusa e incompreensível, alguém nos explica como em segredo a) que o apartamento está mais barato do que nos disseram e as refeições mais caras devido a um jogo contábil para evitar maiores impostos; b) que estamos pagando não sei quantos cruzeiros a mais porque entramos às 9,40 da noite em vez de entrarmos às 10. E lembramos que ao chegar, com a maleta, um sujeito nos pediu para pagar adiantado o apartamento, achando nossa maleta pequena e nossa cara pobre. Na verdade deveríamos ser pagos para povoar um pouco essaimensidão fria, para interromper o cochilo dos garçons melancólicos.

Domingo à tarde vem muita gente, casais, famílias feias e ricas em "short", mas tudo tem um ar nada convincente de "pic-nic" sofisticado e desorganizado, e de repente me precipito sem razão para uma cabine de telefone, a primeira que desocupou, pois todos foram possuídos da súbita vontade de falar para o Rio e eu também, sem saber ainda para quem, quero ligar para o Rio, para o mundo, para alguma parte do planeta, onde não haja milhares de poltronas gordas e sofás vazios, onde não haja sobre minha pobre cabeça tão imensos lustres de tão imenso mau gosto e sob meus pés tantas léguas de um piso tão encerrado onde um homem decente não pode andar com despreocupação e verdadeira dignidade.

De repente nos vem a idéia de que, insensivelmente, apesar de todos os ritos de limpeza e ordem, esse gigante apodrece de sutil doença, começamos a descobrir quase imperceptíveis sintomas, e temos um súbito carinho por essaimensidão; ficamos agradecidos porque, abrindo a porta do apartamento que entre as paredes de listras verticais é sombria e dura como uma porta de cofre forte, descobrimos um detalhe de bom gosto, a pintura do vaso que sustém o "abat-jour".

Mas alguém fala em teatro; em alguma parte, nestaimensidão, há um teatro que neste momento e eternamente está às escuras, com um imenso palco giratório imóvel onde se joga a tragédia do vazio e da solidão.

Bebemos "whisky" muito caro, e nossa cabeça tem idéias estranhas: fugir silentemente entre os raros humanos, caminhar horas e horas pelos corredores e salões, penetrar no teatro, mover as máquinas, ir para o centro do palco giratório e ali, na escuridão, girando lentamente, dormir, sonhar, morrer...

22.3.49

"Rev. do Globo" 23.7.49